



MUNICÍPIO DA NAZARÉ
Câmara Municipal

INFORMAÇÃO

ASSUNTO: Proposta de Apoio ao Documentário "Tempo, Palavra, Movimento"	INFORMAÇÃO N.º: 78/GGPC/2022
	NIPG: 15008/22
	DATA: 2022/11/11

DELIBERAÇÃO:
Deliberado em reunião de câmara realizada em/...../.....,

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

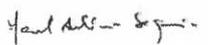
Walter Manuel Cavaleiro Chicharro, Dr.

DESPACHO:	CHEFE DE DIVISÃO: À Dra. Paula Veloso Para inserir na "ordem do dia" da próxima reunião da Câmara Municipal, conforme Despacho do Sr. Presidente. 14-11-2022
------------------	--



VEREADOR(A)/CHEFE DE DIVISÃO:	Helena Pola Chefe da Divisão Administrativa e Financeira
--------------------------------------	--

À Reunião
14-11-2022


Manuel António Sequeira
Vice-Presidente da Câmara Municipal da Nazaré

INFORMAÇÃO

Exmo. Sr. Presidente da Câmara da Municipal da Nazaré,

Considerando que o Documentário Cinematográfico “Tempo, Palavra, Movimento” escrito e desenvolvido por João Trabulo e a produzir por Maria & Mayer, se reveste de especial relevo no contexto cultural;

Considerando que Branquinho da Fonseca é a figura central do documentário e dada a sua relação e conexão histórica com o Município pois também contribuiu de forma essencial para a fundação da Biblioteca da Nazaré e, portanto, é uma referência que faz parte da história e da cultura do concelho;

Considerando que o apoio deste Município é fundamental para sustentar a candidatura deste projeto ao programa de apoio do Instituto do Cinema e do Audiovisual do Ministério da Cultura;

Considerando que se entende que o presente projeto é de extrema importância para a promoção e divulgação da identidade cultural do concelho da Nazaré;

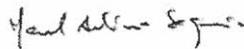
Considerando que a divulgação da cultura portuguesa constitui uma das finalidades prosseguidas pelas políticas públicas – à qual este Município não é alheio;

E ao abrigo do disposto da alínea nº1 do artigo 33º do Anexo I da lei nº 75/2013, de 12 de setembro, na sua redação atual;

Proponho:

Que a Câmara Municipal delibere apoio financeiro e logístico à Maria & Mayer Film Production, Lisbon até ao valor máximo de 10.000€ (dez mil euros), valor que apenas será concedido no início de 2023.

O Vereador com o Pelouro da Cultura.



Manuel António Sequeira

Vice-Presidente da Câmara Municipal da Nazaré

(Manuel António Águeda Sequeira)



MARIA&MAYER APRESENTA

**TEMPO
PALAVRA
MOVIMENTO.**

BRANDIMONTE DA FONSECA



*"Mas olha que tudo, - é sempre demais...
O melhor talvez seja este caminhozito só nosso,
que andamos todos os dias
e que falta sempre andar no dia seguinte."*

- Branquinho da Fonseca

Matérias.

Sinopse.

Quem é Branquinho da Fonseca.

Tempo e modo.

Palavras.

Movimento.

Outras artes.

Cinema.

Declaração de intenções.



Sinopse.



TEMPO PALAVRA MOVIMENTO.



revela o extraordinário percurso de Branquinho da Fonseca, um dos grandes escritores e homens de cultura do século XX em Portugal.

O filme dá a conhecer a vida e obra do escritor que, no mundo desconfiado da ideologia salazarista, acaba por alcançar o merecido reconhecimento e o respeito daqueles que preferem a justiça e a verdade ao dogma e ao extremismo. Escreve poesia, romance, contos, novelas... Edita revistas literárias, como a ilustre *Presença*, considerada um marco essencial no modernismo português. É o primeiro impulsionador dos "livros viajantes", com a criação das bibliotecas itinerantes, primeiro em Cascais, em 1953, e mais tarde, à escala nacional, no Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de 1958. É com elas que o escritor põe o país inteiro a ler.

Família, amigos, admiradores, e em particular as descrições e os diálogos dos personagens das obras de Branquinho da Fonseca, conduzem-nos numa viagem ao passado deste homem discreto e singular. Algumas das suas obras, talvez as mais importantes: *O Barão*, *Mar Santo*, *Rio Turvo*, *Bandeira Preta*, *Porta de Minerva*, estruturam os diferentes capítulos do filme – a infância, a juventude, o absurdo e o insólito, o trabalho, a felicidade, transportam-nos aos lugares de criação tão próximos do escritor: Mortágua, Marvão, Nazaré e Cascais.

Quem é Branquinho da Fonseca.

Quem foi Branquinho da Fonseca? Poeta, contista, bibliotecário? Homem de princípios e de amizades genuínas?

Quem é este homem de espírito inquieto, de personalidade forte e tranquila? Moderado e discreto, tanto na vida privada como na esfera pública. Fundador, com os fieis amigos José Régio e Gaspar Simões, da revista *Presença*, uma das mais influentes revistas literárias portuguesas do Século XX.

Quem foi, realmente, Branquinho da Fonseca? Criador multifacetado? Ensaísta, modernista? Aprendiz marceneiro, ilustrador, fotógrafo? Escritor de contos e novelas, ainda hoje considerados uma referência, e alguns deles, como *O Barão*, adaptados ao cinema? Homem generoso, educador e altruísta, difusor do livro e da leitura? Criador reconhecido das bibliotecas itinerantes em Portugal, primeiro em Cascais e depois na Gulbenkian?

Afinal quem é Branquinho da Fonseca? Esta é a pergunta a que este filme procura responder.



Branquinho da Fonseca, retratado por José Régio

*"Um dia gostarás desta aventura... é bom, alguma vez,
pôr o pé na terra... Dá-nos uma certa força e segurança para
os passos seguintes. E dá nitidez a outras paisagens... Por vezes
é preciso pegar nas coisas..."*

- Branquinho da Fonseca



Fotografias de Branquinho da Fonseca

Tempo e modo.

Branquinho da Fonseca, auto-retrato

"Digo-te mais uma vez: deves estar sempre em bicos de pés e com os músculos prontos para poderes saltar para qualquer lado, para poderes correr de repente todos os caminhos..."

*"Não percas tempo parado.
Anda sempre, nunca olhes para trás..."*

- Branquinho da Fonseca



Branquinho da Fonseca nos tempos de Coimbra



Aparições de Fátima, 13 de outubro de 1917



Branquinho da Fonseca, com um amigo e o pai, Caramulo, 1928



Branquinho da Fonseca, com os pais e o irmão, 1922

Branquinho da Fonseca tem 12 anos quando, entre maio e outubro de 1917, numa depressão elíptica da Serra de Aire, Cova da Iria, ocorrem os milagres de Fátima. É sob estes sinais de um país crente mas miserável que Branquinho da Fonseca nasce em 1905, em plena agonia do regime monárquico, num povoado rural e serrano da Beira Alta, no lugar de Laceiras, Mortágua. Vive em democracia apenas 12 dias, tendo falecido a 7 de Maio de 1974.

*... Eu sou lá dos montes
que medem o céu,
sou das frias serras onde o primeiro sol nasceu
e onde os rios ainda são apenas fontes.*

*Sou donde as árvores falam
a língua que eu conheço,
onde de mim sei tudo
e do resto me esqueço...*

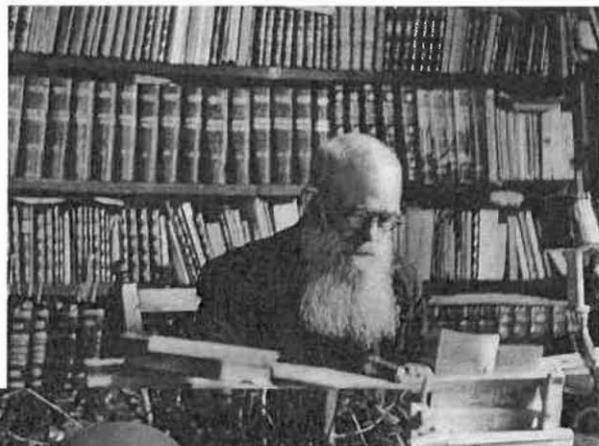
- Branquinho da Fonseca

Para se conhecer uma pessoa excepcional é preciso observá-la durante muitos anos, e Branquinho da Fonseca necessita desse tempo de observação. Ainda muito pouco se disse e se mostrou deste homem solar e misterioso, que viveu sempre nessa encruzilhada entre as "Águas Passadas" e as "Águas Novas", títulos de duas obras de Tomás da Fonseca, seu pai.

A intensa e atribulada atividade política e literária do pai tiveram, certamente, influência na formação moral e intelectual de Branquinho da Fonseca.

Tomás da Fonseca foi um dos mais tenazes opositores ao regime salazarista. Esteve várias vezes preso pela polícia política. Dotado de um espírito brilhante e tribuno exímio, desde muito cedo se evidenciou na defesa das ideias liberais.

Pai e filho são uma e outra face da mesma moeda. Ambos tiveram um papel preponderante, o primeiro na geração que fez a República, o segundo na consolidação dos valores de uma cultura acessível a todos.



Branquinho da Fonseca e o pai, Tomás da Fonseca (em cima)

Em 1924, já em Coimbra, Branquinho da Fonseca lança a revista *Tríptico*, mas é em 1927 que funda, em conjunto com José Régio e João Gaspar Simões, a revista *Presença*, folha de arte e crítica, que se "converteria num dos mais influentes e duradouros órgãos literários de Portugal". Esta revista foi responsável pela divulgação da obra de autores modernistas, muito pouco conhecidos na altura: Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Mário Sá, Camilo Pessanha, António Botto, Raul Leal, entre outros.

Após a dissidência em 1930, cria com Miguel Torga, a efémera revista *Sinal*, e colabora ainda nas revistas *Manifesto* em 1936 e *Litoral* em 1944.

Branquinho da Fonseca nos tempos de Coimbra;
com Gaspar Simões e José Régio (em cima)

Coimbra 1922/23 - 35

*"Nas ruas estreitas, que descem íngremes e
sombrias, o sol só espreita por momento por entre
as casas altas, e passa adiante. Coimbra é uma
cidade que tem apenas sol nos telhados, nas janelas
que olham para o rio e nos campos dos arredores.
As ruas são frias e húmidas, apertadas entre velhas
casas, ruas tortuosas, em ziguezague, com
escadinhas e arcos medievais."*

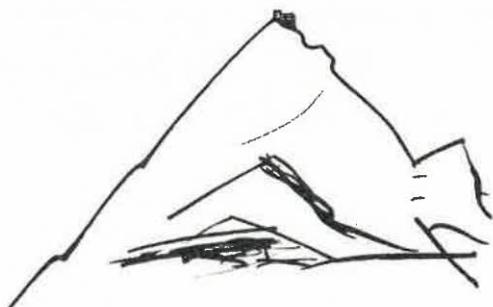
- *Porta de Minerva*, Branquinho da Fonseca



Dedica-se à poesia e à escrita de peças de teatro, mas é no género narrativo que mais se distingue. Evidencia-se pela hábil capacidade de conciliar o real, o imaginário, o fantástico e pela intensidade psicológica das suas personagens de que a obra *O Barão* - amplamente traduzida - constitui um dos exemplos mais significativos. Para além desta, outros contos e novelas marcaram a sua vertente literária, nomeadamente *Mar Santo*, *Rio Turvo* e *Caminhos Magnéticos*. Estes dois últimos, em conjunto com *O Barão*, foram adaptados ao cinema.



Vive em Marvão, entre 1935 e 1936, onde é nomeado Conservador do Registo Civil. Desempenha as mesmas funções na Nazaré, entre 1936 e 1940.



Marvão 1935 - 36

"Este castelo e esta gente não existem para o resto do mundo, nem o resto do mundo para eles."

- O Conspirador, Branquinho da Fonseca

Nazaré 1936 - 40

"À frente das casas, separando-as do areal, uma rua larga, também cheia de barcos. A costa, ao norte, acabava no promontório estendido pelo mar, talhado na rocha viva: para o sul era a praia branca, que se perdia de vista, numa curva sem fim."

- *Mar Santo*, Branquinho da Fonseca

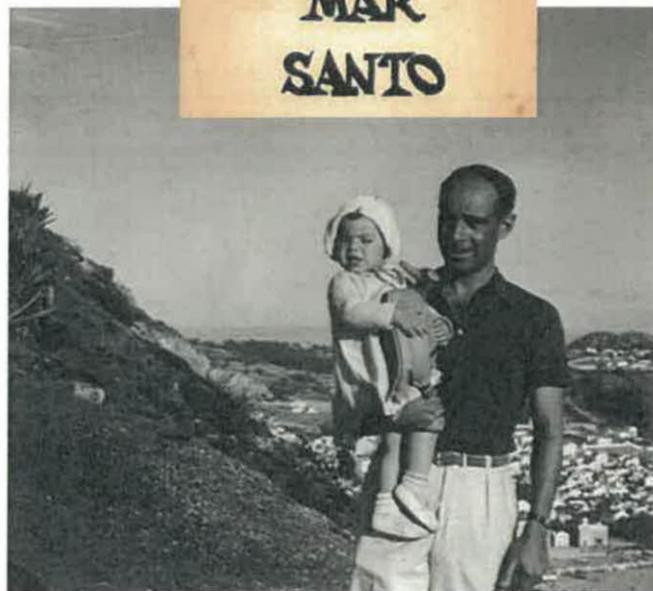


Quis o acaso que viessem parar ao distrito de Portalegre – três dos mais significativos vultos presencistas: José Régio, Francisco Bugalho e Branquinho da Fonseca.

Marvão, onde Branquinho da Fonseca vive entre 1935-36. Portalegre, onde José Régio é colocado contrafeito como professor. Castelo de Vide onde Francisco Bugalho escreve a maior parte da obra.

É na paisagem alentejana que os três consolidam a amizade que já trazem de Coimbra, assumindo definitivamente a sua dimensão intelectual e literária.

Branquinho da Fonseca com a filha, na Nazaré





Tal como há uma narrativa da nação, podemos afirmar que há uma narrativa sobre a comunidade piscatória da Nazaré ou mesmo várias, de realidades re-elaboradas, histórias contadas e recontadas na literatura, nas imagens dos media e na cultura popular, nos filmes e nos documentários. Foi a singularidade da paisagem física e humana que lhe fez merecer o arquétipo entretanto construído.

Branquinho da Fonseca que viveu na Nazaré entre 1937 e 1940 e reuniu uma vasta documentação etnográfica, descreve-nos na novela *Mar Santo* (1952) a vida dos pescadores e da sua luta e confiança contra as adversidades, representando a sua narrativa uma cosmovisão antropológica. O herói do livro é coletivo, é a comunidade humana dos pescadores.

Branquinho da Fonseca deixa na Nazaré uma forte marca da sua intervenção cívica. Investiga, estuda, questiona, documenta os hábitos e as condições de vida do povo nazareno. É o grande impulsionador da criação da primeira biblioteca pública de que é herdeira hoje a Biblioteca da Nazaré. Exerce influência para a construção do tão desejado porto de abrigo, que finalmente se constrói na década de 80.

Em cima: Nazaré, Stanley Kubrick, 1948

Em baixo: Nazaré, Edouard Boubat, 1956





Cascais, Malveira da Serra, Lisboa 1940 - 74

Em 1941, ocupa o cargo de chefe da Secretaria da Comissão de Obras de Base Naval de Lisboa e, dois anos mais tarde, vê-se promovido a conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais, onde passa a residir.

Em 1953, cria a primeira Biblioteca Móvel destinada a levar livros às zonas mais afastadas do concelho de Cascais. O êxito desta iniciativa leva-o a ser convidado para dirigir, a partir de 1958, o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian. E é o que faz, quando Azeredo Perdigão o convence. O seu espírito de missão é sem limites, dedicando-se ao cargo, de corpo e alma, até ao final da vida.

*“A única maneira do livro desempenhar
totalmente a sua missão, é estando ao
alcance do leitor [...] É estando em sua casa.”*

- Branquinho da Fonseca



O convite de Azeredo Perdigão é, aliás, justificado pela experiência bem sucedida que já havia levado a cabo na Nazaré — onde ajudou a fundar a biblioteca pública — e em Cascais, como conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães.

Branquinho da Fonseca torna-se assim uma figura pública, activa e dedicada, contribuindo para a construção da primeira estrutura de promoção de leitura pública, a nível nacional, incluindo as Ilhas dos Açores e Madeira, promovendo o acesso aos livros, o gosto pela leitura e pelo conhecimento.

O resto da sua vida dedica-o a esta missão de espalhar conhecimento através da leitura. E até à sua morte, em 1974, ocupa-se a fazer ler os outros, num dos capítulos mais importantes de divulgação cultural em Portugal.



*“Só é verdadeiro o caminho de cada um,
aquele que por cada um é descoberto e
caminhado.”*

- Branquinho da Fonseca



Men can Z: Maria

Palavras.

No entanto, não é
uma coisa. Você tem
uma ideia, não, porque
é sobre isso, porque
é um assunto importante.
Meu objetivo é
apresentar a você
a minha vida cotidiana.
Muito obrigado.

Branquinho da Fonseca acaba por experimentar vários géneros literários, quase sempre caracterizados de um realismo fantástico. Os seus livros estão apinhados de personagens oníricos, em formato de auto-retrato, quase sempre em figura omnipresente de narrador e observador; «ai daquele que se perde de vista a si próprio», confessa.

É um dos escritores de referência da segunda vaga do modernismo português. Apesar disso, nunca se deixa assentar num modelo, alcançando através da escrita de ficção, um nível de maturidade raro no vanguardismo literário pós-modernista. Não se revê no neo-realismo português, que se segue ao modernismo, criando um certo distanciamento dos seus autores. Também se aventura no universo de pseudónimos, através do nome de António Madeira, com que publica na *Presença* e em várias primeiras edições.

Branquinho da Fonseca não se acomoda pelo sucesso. De forma sempre original, sem chavões e acima de tudo, isento de posicionamentos políticos, não se deixa manipular nem pelo sistema ditatorial em vigor na altura nem pelo assédio da oposição clandestina...



Branquinho da Fonseca

*“Quando todos pensam da mesma maneira
é porque ninguém pensa grande coisa.”*

- Branquinho da Fonseca

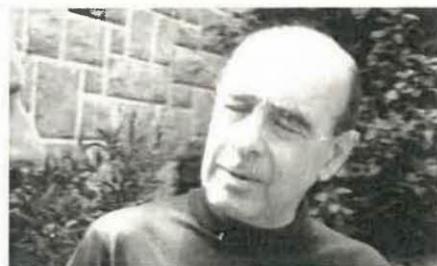
Obra literária

“Pode talvez dizer-se que [...] a mestria narrativa de Branquinho da Fonseca se caracteriza, sobretudo, pelo dom de sugerir a existência de múltiplos planos nas figuras que cria, pela extrema fluência dialogal em que elas se exprimem, pela alternância de transparência e opacidade em que se movem. Preferindo ‘narrar’ a ‘descrever’ – e, ainda mais, ‘sugerir’ a propriamente ‘narrar’-, mediante subtil selecção de elementos reais e de elementos metafóricos, ou através do discretíssimo contraponto entre uns e outros ou, ainda, por meio de esparsas notações em que esses elementos se confundem, Branquinho da Fonseca mostra-se tão interessado pelas complexidades psicológicas das personagens que mobiliza como pelo background social de onde elas emergem [...] Por outro lado, como poeta e como dramaturgo, ficaram-se devendo a Branquinho da Fonseca algumas das mais positivas experiências, e até algumas das mais relevantes realizações do nosso vanguardismo pós-modernista.”

• - David Mourão-Ferreira

“Eu vinha da vida para os livros, mas há pessoas que vêm dos livros para a vida. É que eu, realmente, primeiro era homem, acontecia que escrevia coisas.”

- Branquinho da Fonseca



Branquinho da Fonseca, com Manuel Poppe

Poemas – 1926.

"Revelou-se, em 1926, com Poemas, coletânea que estabelece a continuidade com o modernismo "tanto pela aguda desconfiança a alternar com a crença desmedida a poderes da palavra, como pelo reiterado pendor para a visão alucinatória do concreto e para a expressão aparentemente cândida do insólito." David Mourão-Ferreira

Posição de Guerra - 1928.

"Uma das melhores peças do autor." Luiz Francisco Rebello

Zonas - 1931.

"As faculdades (as qualidades) distinguidas por Branquinho da Fonseca parece serem a lógica e a coragem postas na exposição, verídica e exacta quanto possível, dos sucessos – verdade e exactidão que valem como qualidades. Complexa é a rede em que se inserem todos os actos humanos, várias são as zonas em que ela se desdobra – simples e naturalmente extraordinária é, porém, a Realidade." Manuel Poppe



Mar Coalhado – 1932.

"Em Mar Coalhado reúnem-se as suas melhores poesias modernistas... é a lírica de um mundo provinciano visto da janela, numa ansiedade de só faltar o nada / que há de sempre faltar. O tema mais obsessivo é o de qualquer viagem / que não começou nem acabou." Oscar Lopes

Caminhos Magnéticos – 1938.

"O que faz a superioridade e a beleza deste livro notável, é a sua natural fusão de realismo e poesia, do senso das realidades e do senso do mistério, tão penetrantes um como outro..." José Régio

Teatro - 1939.

"Detentor, pois, de recursos vários e habilíssimos, na função literária, as suas peças de Teatro; Posição de Guerra, Os Dois, A Grande Estrela, Curva do Céu, Rãs e Quatro Vidas, são todas elas, o espelho do homem que deseja, (tal como o artista sempre o manifesta) libertar no espaço exterior, o duplo da sua imagem, a tradução do seu Eu". Natércia Freire



O Barão – 1942.

“O Barão é uma das alegorias mais magníficas da novela portuguesa do século XX. Nela narramos a viagem de um inspector escolar a uma zona remota da província, onde irá encontrar, na noite da chegada, a figura de um aristocrata excêntrico e decadente, o “Barão”, que pouco a pouco se vai tornando enigmático, exercendo um fascínio cada vez maior sobre o narrador e adquirindo um estatuto mítico, quer pelo modo como domina o seu estranho microcosmos, quer pela magia dessa noite quase irreal. Se mergulham sempre numa luz de estranheza as suas personagens e os seus ambientes arrancados ao quotidiano, nunca por completo se evadem da realidade as suas surtidas no domínio do insólito”. **David Mourão-Ferreira**

Rio Turvo – 1945.

“Com ele o conto português conhece novos caminhos...” “...harmoniza a linha fantástica dos seus contos com a linha do real...” “...um achado de técnica moderna, em que se exprime uma condição humana e uma angústia profunda.” **Vitorino Nemésio**



Porta de Minerva – 1947.

“Todo o livro está construído simbolicamente, com a descrição fiel, ora dramática, ora cômica, do ritual de iniciação do adulto, que a Universidade representa ou julgou um dia poder representar. O facto é particularmente saliente na Universidade de Coimbra... Nas ruas e tabernas de Coimbra há uma educação de adolescentes que se processa...É no entanto, a amizade, a única conquista positiva...” **António Quadros**

Mar Santo – 1952.

“O que me leva a considerar Mar Santo uma das mais belas, pujantes e sérias obras em prosa ultimamente publicadas em Portugal [...] é o excepcional talento literário, a beleza e a perfeição clássica do estilo e a capacidade descritiva de Branquinho da Fonseca. Para além dessas enormes qualidades, Mar Santo é, ainda, uma obra de grande valor como documento humano, etnográfico e filológico.” **Tomás Ribas**



Bandeira Preta -1956.

“O primeiro livro que li; que me lembro de ter lido algures pelos 11 anos. Se não foi o primeiro, os que tenha lido antes esqueci. Este não... As diabruras da infância, a aventura, a liberdade, as infinitas possibilidades, o sonho. Inesquecível. Bendita seja.” **David Fernandes**

Movimento.



“O livro ao encontro do leitor conquistado e a conquistar e não este ao encontro do livro [...] Foi essa a obra, em grande, da Fundação Gulbenkian. Velhos e crianças, sobretudo estas, homens e mulheres alvoroçados, ansiosos, que, enfim aprenderam a fazer uso do que o mestre-escola lhes ensinara. O livro entrou nas suas vidas. É outra revolução.”

- Fernando Namora







“A maioria das bibliotecas são quase todas, uma espécie de tichos emalhamados com olhos de vidro. Fingem de vivas”

- Branquinho da Fonseca



Orlando Vitorino apelida-o de "intelectual em acção". A sua intensa dedicação ao projeto das bibliotecas dá resultados amplamente reconhecidos. Quantos casos de pessoas por esse país fora não devem às Bibliotecas Itinerantes o gosto pela leitura e pelo conhecimento! Foi uma aventura a uma escala nada habitual, numa época pouco amiga de iniciativas de elevação cultural e social. Mais de 60 carrinhas Citroën percorrem todo o país: Continente e Ilhas, ao longo de mais de quatro décadas.

Nos lugares mais ou menos remotos, todos agradecem ao inventor das «carrinhas da Gulbenkian» a oportunidade de lerem os livros distribuídos pelo país. O escritor carece de tempo, e escreve apenas por necessidade. A obra vê-se prejudicada pelo trabalho cultural do homem. E assim acontece, de facto: entre 1958 — início das Bibliotecas Itinerantes — e o ano em que falece (1974), Branquinho da Fonseca não publica nenhum livro de criação pessoal, limita-se à edição de antologias temáticas.



As histórias que se contam sobre as peripécias associadas às carinhas-livro da Gulbenkian são infundáveis. A aventura em Parada do Bouro, no ano de 1960, é exemplar. O padre, muito "zeloso das suas ovelhas", sai à rua e ameaça os fiéis de excomunhão, "caso ousem levar" um único livro que seja para casa. "Não contente com a ameaça, arranca das mãos de alguns leitores as obras já requisitadas e atira-as ao chão enlameado".

Entretanto, juntam-se alguns homens que, de regresso do trabalho nos campos, "trazem ao ombro uma sachola de cabo bastante comprido". O episódio, verdadeiro, descreve-o António José Forte, ao serviço das Bibliotecas Itinerantes, em carta dirigida à direção dos Serviços da Gulbenkian. A biblioteca dá a volta e abandona o local com o seu "material impuro". O jovem bibliotecário promete voltar no mês seguinte: acompanhado pela GNR.





António José Forte, Herberto Helder, Alexandre O'Neill,



Branquinho da Fonseca e José de Azeredo Perdigão,
com membros da Fundação em visita às bibliotecas Itinerantes

"A primeira vez que me deparei com uma Biblioteca Itinerante, foi num dia de verão dos finais dos anos 70, quando cheguei à minha aldeia no Douro (concelho de Vila Nova de Foz Côa) uma carrinha Citroën de formato militar e de tom acinzentado. Toda a aldeia se reuniu em torno do estranho veículo. Alguns achavam que trazia gelados em vez de livros. Todos queríamos ver como aquilo era por dentro. No interior, alinhavam-se centenas de livros metódicamente organizados por matérias ou por ordem alfabética. Jack London, Enide Blyton, Graham Green, Charles Dickens, Alexandre Dumas, Tolstoi, Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro e tantos outros. Eu e os meus amigos tínhamos especial inclinação pelas prateleiras de BD, onde podíamos dissecar o Tintim e o Astérix. Os livros de Jules Verne de capa dura também não escapavam. Claro, os mais velhos e menos informados olhavam para tudo aquilo com alguma desconfiança, porque achavam que os trabalhos do campo eram mais úteis e prioritários. Quanto a mim, fui feliz com alguns livros, com outros fui leitor esforçado. O responsável da biblioteca itinerante da Gulbenkian, de quem desconheço o nome, tinha as suas dúvidas acerca da bondade da leitura, mas lá fazia o seu trabalho. Recebia-nos de ar sisudo, não deixava mexer, nem consultar as obras antes de as requisitarmos."

- João Trábulo

"Impressionava-me a quantidade de livros. Precisava de me esticar para chegar às prateleiras mais altas e, por isso, parecia-me que não tinham fim. O senhor Dinis conduzia a carrinha, recebia os papéis preenchidos com os códigos dos livros que requisitávamos, foi então que aprendi esse verbo, e era dentista. Eu conhecia-o da sala de espera, aquele cheiro antisséptico, onde aguardava a minha mãe e as minhas irmãs. Encontrei-o no ano passado na biblioteca de Abrantes, tirámos uma fotografia juntos. Aproveito para lhe enviar um abraço. Espero que esteja a ler estas palavras, com saúde. Levávamos sempre a quantidade máxima de livros. E, sim, é verdade aquilo que costumo dizer: líamos muito depressa os que tínhamos e, depois, íamos trocando entre nós até ao regresso da biblioteca no mês seguinte."

- José Luís Peixoto



"Levar o livro onde o livro nunca chegara, depô-lo sem reservas, com toda a confiança, em mãos que mal o conheciam; deixá-lo permanecer, durante dias ou semanas a fio, em casas e casas onde anteriormente jamais ele tinha entrado; criar nessas mãos e nessas casas o hábito saudável da sua presença; transformá-lo assim, pouco a pouco, numa quotidiana companhia quase tão necessária como o pão, indispensável como o sonho, útil como um arado ou uma ferramenta, exaltante como a esperança; abrir enfim, através dele, novas janelas sobre o mundo, novos horizontes na alma e no espírito de cada um. [...]"

- David Mourão-Pereira

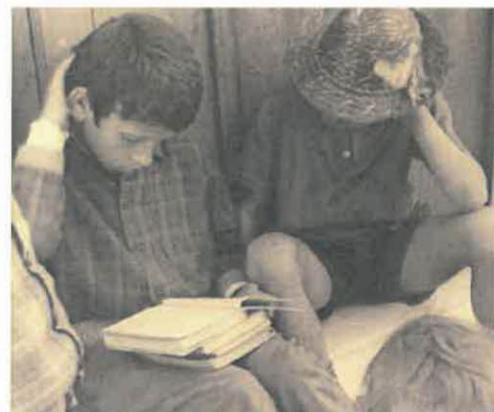
Oliveira Salazar e José de Azeredo Perdigão, no lançamento das Bibliotecas Itinerantes.



Itzupardo da Fonseca e José de Azeredo Perdigão, com membros da Fundação em visita às Bibliotecas Itinerantes.

“A nossa experiência diz-nos que muita gente não lê porque não tem livros e não pode comprá-los [...] além disso as bibliotecas nem sempre respondem aos interesses dos leitores, e, quando acaso respondem, não são acessíveis, são difíceis na consulta [...] são difíceis no horário, na utilização, etc. E deviam, na verdade, ser fáceis, atraentes, diligentes. Os livros não são para estar nas bibliotecas, são para estar nas mãos de quem os queira ler. Eis os dois pontos base que se reduzem a um só: dar possibilidade de leitura.”

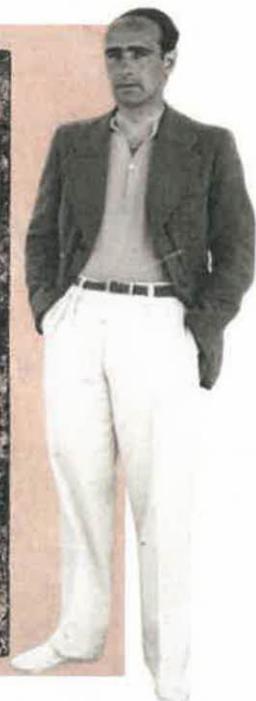
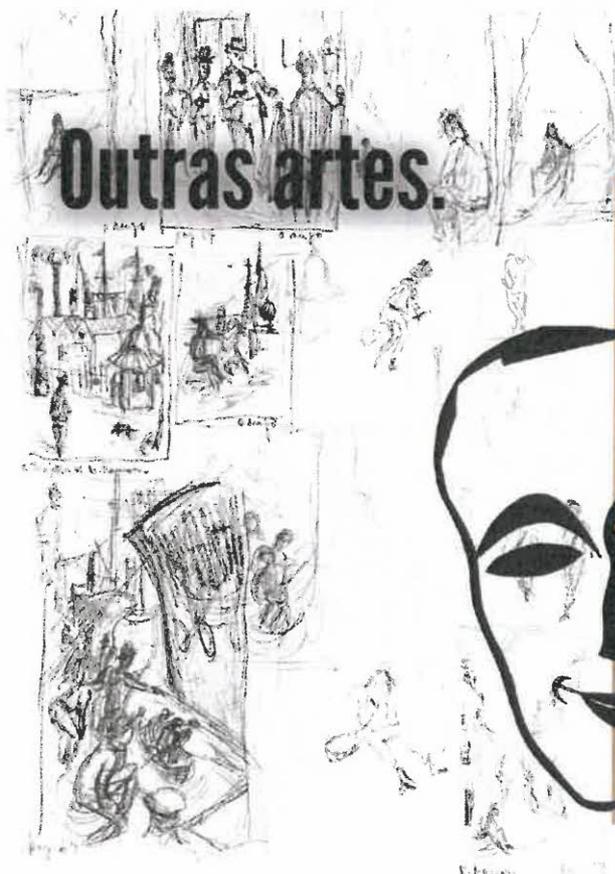
- Branquinho da Fonseca





*"A única maneira do livro desempenhar totalmente a sua missão,
é estando ao alcance do leitor [...] É estando em sua casa."*

- Branquinho da Fonseca





Além da escrita e da sua obra junto das Bibliotecas Itinerantes, Branquinho da Fonseca explora campos tão diversos como a marcenaria, o cinema, o desenho, - muitas vezes para ilustrar os contos - servindo por vezes de inspiração à escrita. Na área do grafismo destaca-se, entre outros, o logótipo da revista *Presença*, sem descurar a fotografia onde ensaia, com particular relevância, o mistério, o horror e o fantástico, tendo participado com Edmundo Bettencourt no Iº Salão dos Independentes em Maio de 1930.

Nunca dissocia o quotidiano da criação, aceitando como mestre o momento da construção e espelhando nos seus trabalhos, a sua vivência.

*“Dois olhos profundos e inquietos
que parecem ver para além das coisas
em busca de mundos ignorados.”*

- Álvaro Carmo Vaz



Fotografias de Branquinho da Fonseca

Ao longo da vida, Branquinho não deixou de planejar. Realizo muitos sonhos, mas outros sonhos não passam disso mesmo. Todos são meticulosamente preparados, muitos até têm estatutos minuciosamente delineados. Contudo, razões de vária ordem impedem a sua concretização. Os projetos são sobretudo a nível editorial mas também existe um projeto de cinema que denota, desde muito cedo, as profundas preocupações sociais de Branquinho da Fonseca. Em 1929 cria o grupo ULTRA cujo projeto inicial é “trabalhar num grande documentário da vida trágica das aldeias” do concelho de Mortágua. “A vida dos trabalhadores do campo: dar aquela monotonia, desolação, violência, primitivismo, animalidade, etc... As suas terríveis horas contra a terra mãe, ao lado das suas breves horas de festa, romaria, dança... E depois os regressos à terra maldita-mãe. É um documentário imenso! Pode ser uma coisa admirável! Pelo menos assim me parece à minha cabeça entusiasmada. Não penso noutra coisa. Pelo meio quero meter algumas cenas violentas, bárbaras que tenho planeadas. Simples e brutais. Essas têm de ser compostas. Conto comigo e com alguém que lá descubra.”

“Sou um planeador que não desanima”

- Branquinho da Fonseca



Cinema.

FELIPE DE SOLMS
"LA RATONICHE"
FLAMENGA-LOURES
TELEF 910-362

O BARÃO

de BRANQUINHO DA FONSECA

Já varias vezes pensou-se em levar ao cinema este conto, realmente dum tipo "único" na literatura portuguesa.-

O assunto deve repousar na Historia de Amor que transformou o caracter do Barão e na forma como uma extranha noite de aventura (mistura de d'Artagnan com Cyrano) foi vivida por um humilde funcionario publico a fazer de Sencho dum Quixote a procura de Dulcineia.-

Tenho grande confiança que Artur Ramos, Aluno do Instituto Frances de Cinema, saberá interpretar este filme como um Delaney o faria ("toutes choses égales d'ailleurs") com a ajuda do proprio Dr. Branquinho da Fonseca, e as sugerecias dum Manuel Gama, dum Manuel Figueira ou dum Lopes, da Escola Inglesa.-



No ano de 1943, durante a II Guerra Mundial, a produtora americana Valerie Lewton chega a Portugal e casa-se com um actor português que lhe dá a conhecer o conto *O Barão*. Valerie vê nele a história perfeita para um filme de terror, começando, em segredo, as filmagens numa fábrica do Barreiro. A Rodagem começa, Branquinho da Fonseca enche-se de regozijo.

Quando a PIDE sabe da existência do filme, manda destruir os negativos. A equipa técnica é repatriada e os actores portugueses deportados para o Tarrafal, na ilha de Santiago, Cabo Verde, onde morrem torturados na "frigideira". Este episódio marca profundamente o escritor.

Em 2005, são descobertas duas bobinas e o guião do filme nos arquivos do cineclube do Barreiro. Através delas, o realizador Edgar Pêra decide fazer o "remake" do filme original, contando a história de um barão tirânico que aterroriza a população das montanhas do Barroso, no Norte de Portugal.

Fotogramas de *O Barão* (2005) de Edgar Pêra



“Branquinho da Fonseca, é um escritor que persigo, e que me persegue. As páginas de Rio Turvo, Caminhos Magnéticos, ou de O Barão são ecrãs para este século da brevidade electrónica. As suas palavras, imagens síncronas com o timbre particular destes tempos flutuantes. Porque ainda não se dará a devida atenção a este homem de artes e acções, fundador da revista Presença e das Bibliotecas Itinerantes? Talvez devido ao estilo desalinhado. Nem realista nem surrealista, nem comunista nem fascista. António José Branquinho da Fonseca era um “intelectual em acção”, “tinha consciência que era um homem que andava na vida para fazer coisas. Não separava a literatura da vida”. Para Branquinho da Fonseca, o Barão é o seu espelho distorcido: “é um homem frustrado, um homem que não se realizou, um homem de fora de época. Tudo lhe fugiu, tudo falhou, ainda tem tudo por fazer.” Eterno adolescente. Conta a lenda que, depois de ouvir falar sobre um grotesco e pitoresco senhor feudal, Branquinho da Fonseca terá escrito O Barão numa só noite. Como na própria história. Mas “Um livro nunca precisa de prefácio.” Afirmava Branquinho. “Não tem importância. É apenas feio aquilo à entrada da porta. Ainda se os pusessem nas traseiras, vá lá.” Sigam o conselho do autor e leiam primeiro este conto-novela. [...]”



Foto de rodagem de *O Barão* (2005) de Edgar Pêra

“Quando preparava a adaptação para cinema optei por fazer um remake neuro-gótico dum filme fantasma. Um filme luso-americano baseado no Arquétipo Draculesco do Barão, supostamente realizado na mesma época em que o livro foi escrito: a II Guerra Mundial. Portugal era um país “neutro”, anfitrião de espões e repatriados, mas ainda se vivia sob ditadura fascista. Os Hermeneutas da Censura procuravam sentidos ocultos. Para os Inquisidores Paranóides qualquer crítica ou sátira a uma figura do poder era entendida como uma afronta ao Regime Viscoso. Porque teria Branquinho escrito aquele texto sobre um ditador, em plena guerra? Porquê aquela vertigem? O Barão não foi censurado. Contudo, quando vertido para teatro, a PIDE decidiu, no perfil do Barão, a efígie do Ditador e proibiu a estreia da peça, adaptada por Sitau Monteiro. O Barão denunciava o “arquétipo de uma degradação do nosso pathos colectivo” 5. Porque Branquinho da Fonseca era um “retratista psicológico do homem português” [...]”

Edgar Pêra

Declaração de intenções.

— O "Plans Secrets"

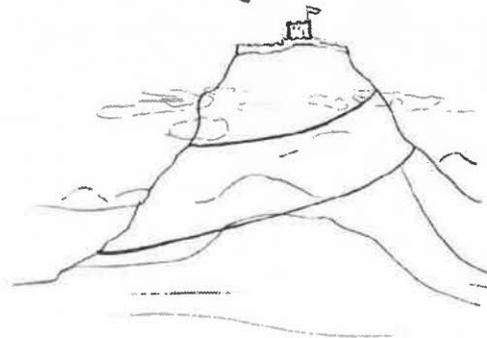
Tinha-o aqui fechado na mão esquerda
& na direita a arma proibida.

Os talões navegavam com o peso das gran-
dezas de mão:

era o chefe de revolução que só che-
gava à marinha

por ter andado perdido nos caminhos das fogueiras
de um flôr de papel.

1. arvão
128

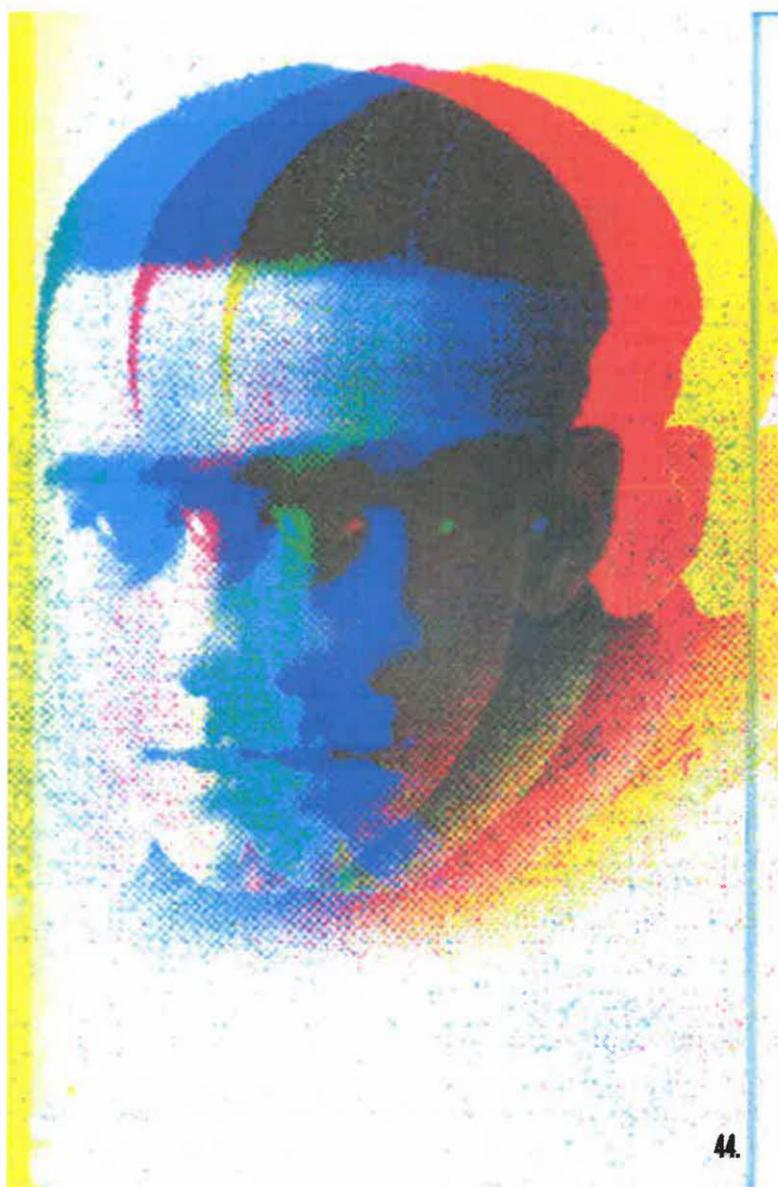


João Trábulo,
realização e argumento

Tempo, Palavra, Movimento não é apenas um filme sobre Branquinho da Fonseca, homem. É também uma abordagem visual ao universo criado a partir dos personagens dos contos e novelas escritos por este homem invulgar, que retratam o ambiente e a tradição de um povo fora dos mapas, quase sempre esquecido pelo regime de Salazar.

Branquinho da Fonseca não gosta de prefácios: considera-os intrusivos, inoportunos, que nada acrescentam à obra. Também este filme segue essa condição. Nada de explicações prévias ou notas de rodapé. Só cinema em movimento: ora narrativo, ora experimental, por vezes poético, por vezes lírico, realista e onírico quanto basta.

Na obra e na vida de Branquinho da Fonseca, todos os caminhos se bifurcam, seguem, lado a lado, na mesma direção, e cruzam-se numa obra que privilegia a figura da repetição, em que se retomam personagens, atores, excertos de filmes, efeitos de montagem, travellings... Se a vida e obra de Branquinho da Fonseca foi assim, feita de linhas e de "caminhos magnéticos" muitas vezes ou quase sempre, este filme também o será.





O filme é uma imersão profunda na obra realizada por Branquinho da Fonseca: poesia, contos e ensaios; a revista *Presença* que ajuda a criar com José Régio e Gaspar Simões; a obra pública deixada na Nazaré, Marvão e Cascais e, sobretudo, a criação das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, serviço que Branquinho da Fonseca ocupa quase em exclusivo nos últimos 30 anos de vida.

Também aqui, neste feito maior que é o Serviço das Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian, se pode estabelecer pontes entre antropologia, cinema e televisão, sobretudo na maneira como vários jovens poetas e escritores percorrem o país em carrinhas Citroen de chapa canelada, observando, anotando e distribuindo livros pela população. O que fizeram é maravilhoso: ajudaram a compreender os imponderáveis e os imprevistos da vida das populações de cariz essencialmente rural, nas remotas décadas de 50, 60 e 70 do século XX em Portugal. Era um tempo sem auto-estradas, onde o cume das serras e dos vales só se conquistavam depois de longas horas de percurso por estradas mal alcatroadas. Esse tempo desapareceu, hoje, neste Portugal de enorme variedade e diversidade de habitações e lugares, de múltiplos contrastes que acontecem entre paisagens muitas vezes próximas... que memórias ficaram desses tempos? Como mostrar isso sem ser condescendente?

Mas que não se pense que este filme é um mero exercício de nostalgia. É, antes, uma grande viagem por Portugal. Não segue a rotina dos guias turísticos e dos "mapas comuns", mas o itinerário de algumas carrinhas-livro ao serviço da Gulbenkian ao longo de décadas, que chegam a ser prestadas pelos poetas Herberto Helder, Alexandre O'Neill e outros jovens escritores ainda desconhecidos. São estes "viajantes", conhecedores do país, que nos deixam ao longo do filme coordenadas e pontos de paragem obrigatórios. Partir, parar, retornar, anotar no caderno a paisagem que escapa, desmorona e se recompõe, enquanto a atravessamos, como uma imensa sequência cinematográfica.

Tempo, Palavra, Movimento deve ser uma odisséia que se encaminha para vários destinos, recriando o formato de filme de aventuras tanto quanto possível.

É pela montagem que se desconstrói(em) o(s) mundo(s) de Branquinho da Fonseca, reproduzindo uma realidade paralela, onírica mas não ficcional, que descreva uma incursão pela intimidade do escritor, fazendo uso de retratos de família e paisagens, das cartas, da voz do próprio. Introduzir exposições, sobreposições, cortes, para que a percepção visual seja constantemente posta à prova, através de imagens que continuamente se sobrepõem, entrelaçam, acrescentem significado.

Um filme tem de comunicar algo de substancial, algo de concreto: não apenas imagens, formas, movimentos, mas sim significados pautados pelo tempo e a força das palavras de Branquinho da Fonseca. Assim se pretende com este filme.

Entre o sonhado e o filmado há uma distância abissal, mas é sempre útil estar aberto ao lema: na montagem "o material é que manda", procurando sempre esquecer o que se imagina antes de se filmar, para depois poder olhar para o filme como se fosse material de arquivo alheio. Partir para a montagem sem pensar nas lacunas, e ver nisso uma força, não um problema, porque é muitas vezes graças aos obstáculos que se descobrem novas linguagens.

Deixar a sensação no espectador que o filme se mostra e conta como se fosse um longo plano sequência, sem cortes, como nos sonhos. Somar para subtrair, com o intuito de encurtar textos e acções. Purificar e renovar para depois decidir quais as cenas que resistem (em termos de narrativa) e que acções sobram de cada cena. Ao longo da rodagem, ter sempre presente as peças do puzzle em falta: diálogos, monólogos e acções que estabelecem elos, que aumentam a fluidez da narrativa.

A palavra "caminho" é referida insistentemente por Branquinho da Fonseca em muitos dos seus livros. Este filme deve ser como um lego, com a possibilidade de cada plano poder ser uma peça desse lego, sem relação aparente com os outros planos, para além da sensibilidade comum que os possa unir. Como mostrar, sem ilustrar? Como resolver e ser fiel sem ser meramente pedagógico?

Não seguir uma perspectiva meramente cronológica. Mostrar, através da realização, toda a força simbólica, dramática e visual da sua obra, o legado do seu pensamento, a partir de todas as facetas da sua vida singular. Ter a capacidade de perceber que tudo nele está finalmente interligado.

Sem o seu lado humanista, não havia escritor, e sem a sua escrita não havia o bibliotecário, e sem nada dos anteriores não haviam as bibliotecas, e assim por diante. Este é um filme que se pretende profundo e total sobre Branquinho da Fonseca.



Luís Branquinho,
direção de fotografia e argumento

Sorte tive eu de ter nascido neto de Branquinho da Fonseca, mas acima de tudo como admirador da sua obra, é com grande prazer e orgulho que pretendo divulgar ao máximo o seu legado, tão marcante no panorama cultural português e na literacia e educação de Portugal.

A minha carreira como Diretor de Fotografia, preencheu por completo a minha paixão pelo cinema e fez-me um criador, como fazedor de filmes, onde muito me cruzei com a obra do meu avô. Colaborei com o realizador Edgar Pêra em dois filmes baseados nos romances: *Rio Turvo* e *O Barão*, o que me permitiu aprofundar a obra do meu avô de uma forma cinematográfica.



Da minha experiência pessoal com o meu avô, o que mais me recordo é da sua enorme paciência, a sua atenção e de uma dinâmica activa camuflada por uma calma extrema. Ao seu ritmo, não sabia parar, se não era na biblioteca, era na sua marcenaria, ou no jardim. Pouco se dava a conversas de quotidiano, porém estava sempre presente e interessado. Lembro com muito carinho as nossas caminhadas pela serra de Sintra, onde morava, sempre ilustradas por narrativas por si inventadas, com um exagerado lado fantástico, e que prendiam a atenção dos netos que o acompanhavam. Hoje, acredito que, em boa parte, essas histórias eram ensaios de novos contos, ou uma interpretação infantil de histórias já escritas.

No contexto familiar, o meu avô foi sempre um exemplo de comportamento, quer pela sua consciência humanista quer pelo seu afeto e dedicação ao trabalho.

Apesar da minha ligação familiar, é com alguma distancia emocional e critica que consigo, hoje, avaliar, reconstruir e expor a obra do meu avô. Passados todos estes anos, chego à conclusão de que faz falta um filme que divulgue os inúmeros feitos relevantes de Branquinho da Fonseca.



A maior parte das vezes que se fala ou escreve sobre a obra do meu avô, o discurso centra-se nas Bibliotecas da Gulbenkian e na sua enormidade. Não tenho dúvidas que essa sua faceta, que o ocupou os últimos 21 anos de vida, representa uma fatia considerável do seu trabalho, mas gostaria que este filme fosse para além do seu trabalho nas Bibliotecas. E este filme é uma oportunidade única para descobrir as forças ideológicas, filosóficas e poéticas que moveram Branquinho da Fonseca na sua missão de transformar um povo maioritariamente rural e analfabeto, em ávidos leitores, num esforço constante de combater a desigualdade cultural em pleno regime facista.

Branquinho da Fonseca era um homem com um sonho social enorme: educar um país, alimentando a imaginação das pessoas, dos jovens, ao levar-lhes livros diretamente para suas casas.

É fundamental que este filme levante áreas de potencial conflito e emoção, não deixando nada de fora, tal como aconteceu na fase de pesquisa e desenvolvimento do projeto. Foi realizado um levantamento exaustivo dos materiais existentes, uma seleção de pessoas e locais que marcaram a sua vida, de forma a ter todos os elementos para me lançar nesta aventura, em conjunto com o realizador.

Tenho a destacar o trabalho já realizado, ao longo dos últimos anos, em conjunto com Maria Mota Almeida, Investigadora Integrada no Instituto de Historia Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Maria Helena Borges, Diretora-adjunta na Fundação Gulbenkian, duas figuras importantes no processo de idealização e maturação do projeto e na construção narrativa do guião do filme, com autoria de João Trabulo. Se associar a isto, a experiência e sensibilidade da produtora Maria João Mayer, tudo me leva a crer que a equipa formada irá levar a bom porto este projeto.

Admiração, é com efeito, a palavra que melhor demonstra o meu entusiasmo ao participar neste filme. O altruísmo e a intensidade com que Branquinho da Fonseca marcou a sua vida e a sua obra, inspiram qualquer um. O meu avô era guiado por uma missão maior, orientada para a elevação social de todos através da cultura, ultrapassando o condicionalismo da época em que viveu, muito politizada, conservadora e pouco dada a empreitadas de divulgação cultural e de novas ideias. A minha intenção é a de que se fique, no final do filme, com a mesma ideia que eu tenho do meu avô, Branquinho da Fonseca: um altruísta e, acima de tudo, e como disse Orlando Vitorino, "Um Intelectual em Acção".



MUNICÍPIO DA NAZARÉ
CÂMARA MUNICIPAL
CONTRIBUINTE Nº 507 012 100

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos declaro que, caso esta proposta seja aprovada em reunião de Câmara, existe dotação disponível no orçamento de 2023 para contemplar o apoio financeiro de 10.000 euros à produção do documentário “Tempo, Palavra, Movimento” a celebrar com a empresa *Maria & Mayer Film Production*.

O apoio financeiro seria contemplado no orçamento de 2023 no plano de atividades municipais 2022/A/22, que tem a rubrica orçamental 04.07.01 (Transferências correntes para instituições sem fins lucrativos).

Nazaré, 14 de novembro de 2022

O Presidente da Câmara Municipal

Walter Manuel Cavaleiro Chicharro (Dr.)